

A voz do Evangelho

Esparramado na poltrona, João Lício pensava. Sem dúvida, fora feliz nos negócios. Enriquecera. Seu nome nos bancos indicava créditos de milhões. Que aceitava o Espiritismo, aceitava. Nenhuma Doutrina mais consoladora. Mas daí a espalhar o que havia ajuntado, isso é que não. Meditava, assim, por haver recebido na véspera a solicitação de duzentos mil cruzeiros, da parte de amigos, para salvar grande obra periclitante. Para o montante do que possuía, a importância referida expressava migalha; entretanto, segundo refletia, já havia feito o possível. Dera grandes somas. Custeara a compra de vasto material. Cumprira com os preceitos da cooperação e da caridade.

Sentia-se exonerado de quaisquer compromissos.

Ainda assim, ouvira dizer que o Evange-

lho respondia a consultas e resolveu experimentar.

Levantou-se. Procurou o Novo Testamento e, após recolhê-lo, tornou a sentar-se. Abriu indiscriminadamente. E caiu-lhe aos olhos a sentença de Jesus, no versículo dezenove do capítulo seis, das anotações do Apóstolo Mateus:

— Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam...

Como se houvesse recebido um choque, ponderou que o trecho não apresentava significação para ele, porque sempre dera e dera muito a todas as instituições de caridade. Abriria outra vez. O Livro Divino, decerto, lhe reservava alguma consolação.

Repetiu o movimento anterior e as páginas lhe mostraram o versículo dez do capítulo dezessete, dos apontamentos de Lucas, em que Jesus assim se expressa:

— “Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer.”

Surpreendeu-se mais ainda. O Evangelho como que o chamava a brios. Nervoso, inquieto, consultou pela terceira vez. E o livro aberto exibiu o versículo vinte do capítulo doze, igualmente das lições de Lucas, em que a voz do Senhor solta esta frase:

— “Louco, esta noite pedirão tua alma...
E o que tens ajuntado para quem será?”

João Lício fechou o volume com mãos trêmulas. Espantado, tangido no íntimo, encerrou a consulta. E, tomando o chapéu, saiu, procurando os amigos, de modo a ver como poderia ajudar.



Em combate

— Desde que recebi a solicitação de Crisolino, meu benfeitor espiritual, estou empenhado na abolição das armas de morte — dizia Dantas, num jantar íntimo. — Creio que a guerra desaparecerá do mundo, quando cada um de nós esteja disposto a expulsá-la do seu próprio círculo.

E falava entusiástico. Rememorava a estatística de muitas guerras. Salientava os programas bélicos de muitos povos. Detinha-se apaixonadamente em Napoleão, chamando-lhe “gênio carniceiro”.

Não se poupava. Onde aparecesse oportunidade, aí estava Dantas para a cruzada a que se propunha. Pedia movimentos renovadores, para que os canhões se fizessem arados.

Adquiriu boa máquina cinematográfica e exhibia quadros curiosos. Revólveres provocando desastres. Sabres em mãos de legionários da antiguidade ao invadirem territórios pací-